



OTITE EXTERNA

BENEDETTI, Emmanuelle Valle Silva

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva - FAIT

DE CHECHI, Gabriel Lucio

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva - FAIT

SILVA, Gabriela Barros da

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT

HUDSON

Acadêmico do curso de Graduação em Medicina Veterinária da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

RESUMO

Esta revisão tem como **objetivo geral destacar** pontos importantes para o correto diagnóstico e tratamento para as otites externas, e como objetivo específico investigar os sinais clássicos como balançar a cabeça, rubor na parte externa da orelha, odor e prurido. Os cães de orelhas longas e raças com abundância de pelos no meato acústico são mais predispostos, devido a dificuldade de ventilação e acúmulo de umidade no meato acústico, as raças que possuem os pelos longos e/ou pelos delicados apresentam tecido glandular sebáceo e apócrino. Sabe-se que os cães das raças Cocker Spaniel e Retriever do Labrador apresentam quantidades relativamente alta de tecido apócrino, o que pode desempenhar papel importante na predisposição da otite externa se comparados aos cães de pelos curtos, como os Terriers e Poodles. Foi descrever os principais.....

Palavras chaves: meato acústico, otite externa, prurido, rubor.

Tema central: Medicina Veterinária.

ABSTRACT

This review aims to highlight important points for the correct diagnosis and treatment for external otitis. And as an specific goal investigate the classic signs such as shaking the head, flushing the outside of the ear, odor and pruritus. Dogs with long ears and breeds with an abundance of hairs on the acoustic meatus are more predisposed, due to the difficulty of ventilation and accumulation of moisture in the acoustic meatus, the breeds that have long and/or delicate hairs present sebaceous and apocrine glandular tissue. It is known that dogs like Cocker Spaniel and Retriever labradors present relatively high amounts of apocrine tissue, which may play a role in the predisposition of external otitis compared to short haired dogs, such as Terriers and Poodles.

Keywords: acoustic meatus, external otitis, pruritus, flushing.

Central theme: Veterinary Medicine.

1. INTRODUÇÃO

Otite externa é uma doença crônica ou aguda do canal auditivo externo, é uma inflamação dos componentes do tecido mole do meato auditivo externo (LINZMEIER, ENDO e LOT, 2009). Hnilica (2012), diz que é uma afecção mais comum em cães do que em gatos, sendo que na espécie felina encontra-se relacionada com a etiologia parasitária.

É uma doença que pode atingir os carnívoros e os felinos em qualquer estação do ano. Contudo, os cães de orelhas longas e de abundância de pelo no canal auditivo externo são os mais prejudicados (RHODES, 2005).

A otite externa possui etiologia diversa e na maioria dos casos, crônicas, e estas causas podem ser subdivididas em fatores predisponentes na fase primária e secundária (BRITO et al, 2018). Deve-se sempre tentar reconhecer quais fatores estão atuando em cada caso, os animais começam a mostrar sinais de alterações, no posicionamento da cabeça, descamação da orelha na parte interna, cerúmen e presença de dor quando a cartilagem auricular ou bula timpânica são apertadas (HNILICA, 2012).

De acordo com Gotthelf (2007), a otite externa resulta de qualquer inflamação do conduto auditivo externo devido a inúmeros agentes etiológicos. Os principais agentes são bactérias e fungos que ocorrem secundariamente ao processo inflamatório na fase primária (BRITO et al, 2018).

O diagnóstico clínico associado ao exame laboratorial direciona o tratamento e diminui o índice de recidivas. Portanto, o médico veterinário deve ter experiência clínica para detectar a possível etiologia, solicitar os exames corretos e assim prescrever o tratamento adequado ao caso (CRIVELLENTI e CRIVELLENTI, 2012).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A otite externa é frequente em cães e gatos, ocorrendo de forma aguda ou crônica no canal auditivo externo (SCHERER, BOTONI e COSTA-VAL,

2016). Possui etiologia diversa, na fase primária ocorre alteração na estrutura e função normal do canal auditivo, que se não tratada, pode levar a uma infecção secundária (HNILICA, 2012).

As causas primárias da otite externa são parasitas, como *Otodectes cynoti*, *Sarcoptes scabiei*, hipersensibilidade, distúrbios endócrinos, distúrbios de queratinização, doenças autoimunes e conformação anatômica. Portanto como causas secundárias incluem infecção bacteriana, infecção por fungos, otite média, que podem evoluir para otohematoma ou casos neurológicos (HNILICA, 2012).

Entretanto, a otite externa é mais frequente em cães do que em gatos, devido a anatomia do ouvido externo, composta por três cartilagens elásticas que formam o pavilhão auricular e os meatos acústicos, médios e internos. (GOTTHELF, 2007).

O canal auditivo externo do canino consiste de pele revestindo a cartilagem auricular que se expande para formar o pavilhão auricular (SCHERER, BOTONI e COSTA-VAL, 2016). A cartilagem escultiforme tem sua estrutura em forma de "L", localizada sobre o músculo temporal (GOTTHELF, 2007).

A conformação do pavilhão auricular e conduto auditivo variam conforme a raça e possuem a função de captar e transmitir o som do ambiente externo para a membrana timpânica. A membrana timpânica é membranosa, fina e ligeiramente opaca - separa o ouvido externo do ouvido médio (RHODES, 2005).

Segundo Rhodes (2005), "a parte externa da membrana timpânica é côncava devido a tração da superfície medial pelo manúbrio do martelo, localizada num ângulo de 45° em relação ao eixo central da parte horizontal do canal auditivo externo." Gotthelf (2007), afirma que diferentes características como a forma e posição da orelha, o diâmetro do meato acústico externo e quantidade de pelos e de tecido mole dentro do canal auditivo, variam de uma raça para outra.

Os cães de orelhas longas e com abundância de pelos no meato acústico são mais predispostos à esta afecção devido a dificuldade de ventilação e maior acúmulo de umidade no meato acústico (SCHERER, BOTONI e COSTA-VAL, 2016).

3. DIAGNÓSTICO

O diagnóstico é realizado com base na história e nos achados clínicos, havia evidência de otite externa e média por *Pseudomonas* e também evidência de dermatite por *Malassezia*, é provável que ambas as doenças de pele e orelha eram secundárias causando uma desordem de hipersensibilidade (BRITO et al, 2018).

Crivellenti e Crivellenti (2012), afirmam que pela história clínica, meneios cefálicos, prurido otológico intenso, aumento do volume auricular e otoscopia avaliam o grau de inflamação, alterações proliferativas, presença de corpos estranhos e a integridade da membrana timpânica.

O diagnóstico da otite externa por *Malassezia spp.* baseia-se na identificação da levedura, citologia do cerúmen e cultura do agente *M. pachydermatis* (BRITO et al, 2018). A citologia é a técnica recomendada para diagnóstico e controle das dermatites e otite causadas por *Malassezia spp.* em cães, embora seja reconhecida como menos sensível que a cultura fúngica (HNILICA, 2012).

A histopatologia pode ser indicada para diferenciar as causas primárias e secundárias, em caso de suspeita de neoplasia ou se for realizada ressecção ou ablação do canal auditivo (CRIVELLENTI e CRIVELLENTI, 2012).

4. TRATAMENTOS

O tratamento varia de acordo com a origem, sendo que para otite primária, deve-se realizar a limpeza da orelha a cada dois a sete dias com um agente ceruminolítico (RHODES, 2005).

Os cães que possuem as orelhas pendulares podem ter a maceração do canal devido à umidade, o que pode ser evitado com o uso de produtos que contém adstringentes e/ou álcool (CRIVELLENTI e CRIVELLENTI, 2012).

Para a otite crônica secundária, sob sedação ou anestesia é realizada uma lavagem e limpeza auricular para remover a secreção, fluido inflamatório e fragmentos acumulados no canal auditivo vertical e horizontal. É indicado solução salina associada a iodo povidona 0,2% ou clorexidine 0,05% (HNILICA,2012).

Portanto nas situações mais graves em que há intensa irritação e dor pode-se administrar glicocorticoide sistêmico com o objetivo de reduzir o edema (CRIVELLENTI e CRIVELLENTI , 2012).

Conclusão ou considerações finais ???

REFERÊNCIAS

BRITO R.S.A. et al. Malassezia e malasseziose em cães e gatos. Medvop - **Revista científica de Medicina Veterinária – Pequenos Animais e Animais de Estimação** (2018); 15(47); 67-72. ISSN 1678-1430CRIVELLENTI, Leandro Zuccolotto;

CRIVELLENTI, Sofia Borin **Casos de rotina em Medicina Veterinária de Pequenos Animais**. São Paulo: Med Vet, 2012.

GOTTHELF, Louis N. **Doenças do ouvido em Pequenos Animais**.São Paulo: Roca, 2007.

HNILINCA, Keith A. **Dermatologia de Pequenos Animais**.Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

RHODES, Karen Helton. **Dermatologia de Pequenos Animais-consulta em cinco minutos**.Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

SCHERER CB.; BOTONI L.S; COSTA-VAL A.P. Medvop – **Revista de Educação Continuada em Dermatologia e Alergologia Veterinária**; (2016); 4(13);31-40. ISSN 2237-2768.

LINZMEIER, G.L.; ENDO, R. M.; LOT, R. F. E. Otite Externa. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**; Ano VII – Número 12 – Janeiro de 2009 – Periódicos Semestral. ISSN 1679-7353.

Oliveira et al. **Susceptibilidade a antimicrobianos de bactérias isoladas de otite externa em cães.** (2005). Arq. Bras. Med. Vet. Zootec., v.57, n.3, p.405-408. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abmvz/v57n3/25505.pdf1>> Acesso em: 22/09/2018.

CURIOSIDADE

Clinicamente, esta definição tende a incluir inflamação que envolve a parte proximal da pina, estima-se que a otite externa está afetando de 5 a 20% da população canina, e 2 a 6% da população felina.

Importancia do diagnóstico: tem contactantes? Pensar em sarna de ouvido (otodécica) – através da otoscopia. Se tiver excesso de cerumen e não tiver ácaro, tem que fazer citologia e se encontrar mais do que 2 bactérias/10 campos, não é da microbiota. Lembrando que a otite externa bacteriana não é contagiosa, e precisa ter sua causa esclarecida – pode ser doença endócrina, problemas de manejo.

Otite externa crônica: subclínica, não é diagnosticada, e pode trazer consequências como lesão timpânica.

O padrão lesional diz muito a respeito – eritema, descamação (cerúmen – descamação com inflamação), se tiver caspa significa que não está inflamado. O diagnóstico correto das otites deve seguir um padrão, anamnese minuciosa, exame físico detalhado, incluído todo o corpo do animal, e exames complementares que incluem triagem da pele e exames laboratoriais.

Tricograma corado com beliscamento: belisca a pele do animal e arranca o pelo, cola na fita, após na lâmina e cora, serve para identificar demodex, prurido e dermatófitos. Se a ponta do pelo estiver lisa é sinal de que não há coceira, caso esteja espalçada, significa que o animal se coça.

Pesquisa de ácaros: raspado, tricograma ou fita.

Pesquisa de ectoparasitas: pode ser comorbidade, atópico por piolhos etc.

Exames de triagem: citologia das lesões e sempre dos condutos. Se estiver roxo escuro o pH está alcalino e fora do normal, houve disbiose e a otite é eczematosa.

Otoscopia: pode verificar a presença de pólipos, úlceras, corpo estranho e ácaros no canal externo.

Videotoscópio: consegue visualizar o tímpano.

Em casos crônicos, faz o uso de videoscopia no final do tratamento, após a resolução clínica e repetição da citologia, sempre com anestesia, pois se fizer no começo do tratamento não vai ser possível a visualização de todas as áreas afetadas devido ao edema e inflamação.

***Cultura e antibiograma: NÃO É EXAME DE TRIAGEM! Somente deve ser feito após a citologia, porque existem bactérias normais residentes da microbiota, o que não significa que elas são as causadoras do problema, e se fizer no início, pode dar um falso positivo.

Histopatologia: quando há suspeita de neoplasia de pavilhão ou conduto, otites unilaterais recidivantes.

Exames laboratoriais.

RX simples: da bula timpânica, para dar diagnóstico, quando tem alteração óssea não tem mais epitélio protetor na frente, a necrose em

diabéticos, por exemplo, é um foco de infecção. Sempre anestesiado e na posição correta.

RX contrastado: após a realização, tem que lavar muito bem para a completa remoção do contraste. Serve para identificar a integridade da membrana timpânica – saber se está rompida ou não. Animal anestesiado.

US da bula timpânica: em casos de otite média aguda vai ter a presença de muco e líquido na bula, é menos invasivo, o animal pode estar deitado ou sentado, sem anestesia.

Tomografia de bula timpânica: exame mais completo, melhor que o RX, porém, alto custo. Animal também deve estar anestesiado.

Obs: se tiver demodex no corpo, pode ser um sinal positivo para otite!

Otite externa aguda: medicação tópica de 7-15 dias e repetir citologia antes de interromper a medicação.

Cuidado com ototoxicidade, pois se pingar medicamento com o tímpano perfurado pode deixar o animal surdo e até levar a óbito por meningite. Todo medicamento indicado para otite externa tem alguma substância tóxica para o tímpano (otite média) e não deve ser usado.

Tratamento para otite externa é sempre tópico. A epiderme é avascular, portanto a medicação sistêmica não é suficiente para alcançar e matar essas bactérias.